

revistafidelidade@terra.com.br • ano VI • Maio/2008 • nº 68 • R\$ 5,00

Revista

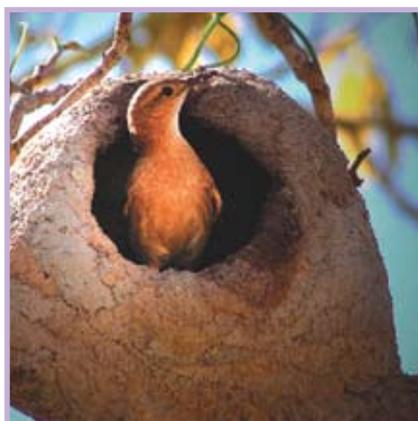
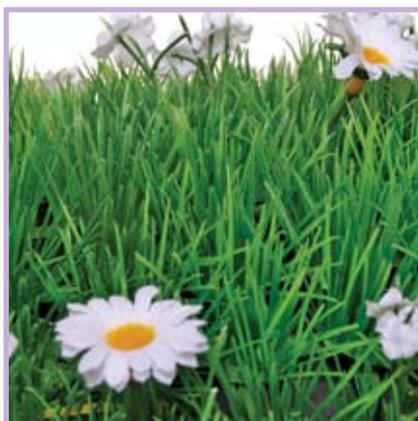
Fidelidade **ESPÍRITA**

A Insuperável Estrutura da Natureza



A
Revista que
se **Responsabiliza**
Doutrinariamente
pelos Textos Publicados

Sumário



4 CHICO

A QUESTÃO DAS VISITAS

Uma questão delicada e de difícil solução

6 ESTUDO

OS MILAGRES SEGUNDO O ESPIRITISMO

Elucidações científicas

11 ENSINAMENTO

RESIGNAÇÃO E INDIFERENÇA

As bem aventuranças

12 MEDIUNIDADE

DIRETRIZES DE SEGURANÇA

Questões sobre mediunidade

24 REFLEXÃO

DIGNIDADE E ORGULHO

Dois comportamentos bem diferentes

25 MENSAGEM

O BALDE

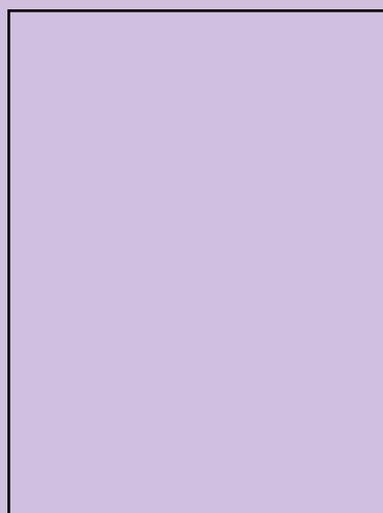
Um estímulo à persistência

14 CAPA

A INSUPERÁVEL ESTRUTURA DA NATUREZA

PRÓXIMA EDIÇÃO

REENCARNAÇÃO É ASSIM...



26 COM TODAS AS LETRAS

FAÇA O NÚMERO CONCORDAR

Importantes dicas da nossa língua portuguesa

EDITORIAL

Por maior a capacidade de edificar, ninguém conseguirá construir um edifício sem a ajuda de engenheiros e operários.

Do mesmo modo, médium algum conseguirá realizar satisfatoriamente as tarefas com as quais se comprometeu, sem o auxílio de outros companheiros igualmente dedicados e responsáveis.

Por essa razão, todo empreendimento mediúnico, orientado pela Doutrina Espírita, representará um esforço de equipe, envolvendo trabalhadores dos dois lados da vida.

Nesse contexto, isolamento é ponte para o fracasso, enquanto a crença na auto-suficiência não passa de ilusão pueril.

Nem sempre, porém, as companhias que cercam o médium estarão motivadas apenas pelo desejo de colaborar. Pelos fenômenos que produz, é natural que atraia curiosos e bajuladores, mais interessados em satisfazer objetivos pessoais do que em ajudar na tarefa em curso. Esses ainda não compreenderam os objetivos da mediunidade comprometida com a elevação interior.

Entretanto, não será difícil reconhecer aqueles sinceramente interessados em ajudar.

Incentivam sem endeusar;
Opinam sem impor;
Apóiam sem negligenciar;
Acompanham sem tolher;
Participam sem centralizar;

Amam sem apego;
Estimam sem ciúme;
Admiram sem inveja.

Em todas as circunstâncias, cabe ao médium examinar as intenções daqueles que o cercam, a fim de preservar o trabalho em que se encontra. Seja qual for a situação, porém, lembra que a ressonância oferecida às influências que recebes, positivas ou negativas, resultará daquilo que trazes por dentro da própria alma.

Ninguém te insuflará o orgulho corrosivo, se não trouxeres, por dentro, o ego exacerbado.

Ninguém te induzirá à vaidade destruidora, se não abrigares, por dentro, o desejo pelo destaque fácil.

Ninguém te levará ao desvirtuamento desequilibrante, se não cultivares, por dentro, a indisciplina.

Por essa razão, é imprescindível conheças tua paisagem interior, onde se alternam cenários de luz e sombra.

Pensa nisso, porque em tua jornada pela mediunidade, experimentarás companhias de todos os matizes, com as quais deves conviver fraternalmente. Lembra, porém, que vitória ou fracasso dependerão, exclusivamente, da conduta que adotares nos domínios da própria consciência, o que te faz responsável pelo próprio destino.

Augusto

LEVY, Clayton. Mediunidade e Autoconhecimento.
Págs. 96 - 98. CEAK. 2003

Edição

Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" – Depto. Editorial

Jornalista Responsável

Renata Levantesi (Mtb 28.765)

Projeto Gráfico

Fernanda Berquó Spina

Revisão

Zilda Nascimento

Administração e Comércio

Elizabeth Cristina S. Silva

Apoio Cultural

Braga Produtos Adesivos

Impressão

Citygráfica

O Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar" responsabiliza-se doutrinariamente pelos artigos publicados nesta revista.

FALE CONOSCO

revistafidelidade@terra.com.br
(19) 3233-5596

ASSINATURAS

Assinatura anual: R\$45,00
(Exterior: US\$50,00)

FALE CONOSCO ON-LINE

CADASTRE-SE NO MSN
E ADICIONE O NOSSO ENDEREÇO:

atendimento@revistafidelidade@hotmail.com



Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar"

Rua Luís Silvério, 120 – Vila Marieta 13042-010 Campinas/SP
CNPJ: 01.990.042/0001-80 Inscr. Estadual: 244.933.991.112

A Questão das Visitas

por Suely Caldas Schubert



27-12-1947

“(…) O que me dizes relativamente às visitas é uma grande verdade. Se nos colocarmos à disposição de quantos nos procuram, o serviço ficará por fazer. Aqui em Pedro Leopoldo, o enigma é um dos mais sérios. Todos chegam falando em caridade, mas se pedirmos a eles serem caridosos, fogem acusando-nos. É preciso um verdadeiro “Ministério

Por volta de 1947 já era grande o número de visitantes e procurá-lo.

do Exterior” para tratar do assunto. Penso que isso deve fazer parte de nossas provas.”

Chico refere-se a um problema que existe e persiste. É a questão das visitas. E é uma questão realmente delicada e de difícil solução.

Entende-se perfeitamente que todos desejem aproximar-se de Chico Xavier. Visitá-lo. Abraçá-lo. Conhecê-lo mais intimamente. Por volta de 1947 já era grande o número de visitantes e procurá-lo. Mas Chico Xavier tem uma disciplina de trabalho. Precisa cumprir um programa e dar conta de suas responsabilidades. Muitas vezes se priva de contato com amigos com os quais gostaria de se entreter. Quando o faz, isto é, quando se deixa ficar em conversações fraternas, é por um período de tempo determinado. Não pode jamais esquecer os seus compromissos.

É bastante conhecido o episódio narrado por Ramiro Gama no seu livro “Lindos Casos de Chico Xavier”. Conta ele que o médium



estava, havia algumas horas, na sala de sua casa (em Pedro Leopoldo), conversando com amigos, quando Emmanuel aparece e o chama para o interior da casa. “- Você sabe que hoje temos a tarefa do livro em recepção e já estamos atrasados...” - falou o amigo espiritual. “- É verdade - concordou o Chico -, entretanto, tenho visitas e estamos conversando.”

“- Sem dúvida - considerou o Guia - compreendemos a oportunidade de uma a duas horas de entendimento fraterno para atender aos irmãos sem objetivo, porque, às vezes, através de banalidades, podemos algo fazer na sementeira de luz... Mas não entendo seis horas a fio de conversação sem proveito... (...) Bem, eu não disponho de mais tempo. Você decide. Converse ou trabalhe. Chico não mais vacilou.”

E entregou-se à tarefa, deixando a conversação, que prosseguiu sem a sua presença.

Comentando o problema com Wantuil, confessa que muitos não entendem a sua posição. Não se trata aqui de visitas esporádicas, mas de grande fila de pessoas que o procuram e que o transcurso do tempo só fez multiplicar.

Por essa razão, foi fundamental

para o labor do médium que o tempo de atendimento ficasse estipulado e rigorosamente disciplinado. É o que acontece, atualmente, em Uberaba, quando o nosso tão querido Chico Xavier, já enfermo e alquebrado, não tem mais condições de receber o público, a não ser por brevíssimos instantes.

Não se trata aqui de visitas esporádicas, mas de grande fila de pessoas que o procuram e que o transcurso do tempo só fez multiplicar.

Sabemos que intimamente ele gostaria de estar no vigor dos anos, estuante de energias, atendendo às dores humanas, consolando e esparzindo a esperança, tanto quanto confraternizando-se com amigos.

“Sabendo quem é o companheiro que emprestou à FEB os recursos para aquisição das oficinas, muitas

vezes medito os sacrifícios dele pela Causa. Quando julgas que a FEB pagará a esse abnegado trabalhador a volumosa importância do empréstimo paternal, sem juros? Isto não é da minha conta, mas impressionado com os sacrifícios desse companheiro, em muitas ocasiões penso neste caso. Permita Jesus que ele não sofra prejuízos materiais, porquanto já deu tudo que lhe era possível e continua como o servo nº 1, não obstante sentar-se na Presidência. (...)”

De maneira comovente Chico fala a Wantuil sobre os sacrifícios a que ele se impôs para a aquisição das oficinas gráficas. Wantuil de Freitas quis manter-se no anonimato, mas Chico sabe de seu desprendimento e dedicação. ♦

Fonte:

SCHUBERT, Suely Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. Págs. 198 - 200. Feb

Os Milagres Segundo o Espiritismo

- parte I

por Allan Kardec



CARACTERES DOS MILAGRES

OS MILAGRES NO SENTIDO TEOLÓGICO - O ESPIRITISMO NÃO FAZ MILAGRES - FAZ DEUS MILAGRES? - O SOBRENATURAL E AS RELIGIÕES

OS MILAGRES NO SENTIDO TEOLÓGICO

1. - Na acepção etimológica, a palavra *milagre* (de *mirari*, admirar) significa: *admirável*, coisa extraordinária, surpreendente. A Academia definiu-a deste modo: Um ato do poder divino contrário às leis da Natureza, conhecidas.

Na acepção usual, essa palavra perdeu, como tantas outras, a significação primitiva. De geral, que era, se tornou de aplicação restrita a uma ordem particular de fatos. No entender das massas, um *milagre* implica a idéia de um fato extranatural; no sentido teológico, é uma derrogação das leis da Natureza, por meio da qual Deus manifesta o seu poder. Tal, com efeito, a acepção vulgar, que se tornou o sentido próprio, de modo que só por comparação e por metáfora a palavra se aplica às circunstâncias ordinárias da vida.

Um dos caracteres do milagre propriamente dito é o ser inexplicável, por isso mesmo que se realiza com

exclusão das leis naturais. É tanto essa a idéia que se lhe associa, que, se um fato milagroso vem a encontrar explicação, se diz que já não constitui milagre, por muito espantoso que seja. O que, para a Igreja, dá valor aos milagres é, precisamente, a origem sobrenatural deles e a impossibilidade de serem explicados. Ela se firmou tão bem sobre esse ponto, que o assimilarem-se os milagres aos fenômenos da Natureza constitui para ela uma heresia, um atentado contra a fé, tanto assim que excomungou e até queimou muita gente por não ter querido crer em certos milagres.

Outro caráter do milagre é o ser insólito, isolado, excepcional. Logo que um fenômeno se reproduz, quer espontânea, quer voluntariamente, é que está submetido a uma lei e, desde então, seja ou não seja conhecida a lei, já não pode haver milagres.

2. - Aos olhos dos ignorantes, a Ciência faz milagres todos os dias. Se um homem, que se ache

realmente morto, for chamado à vida por intervenção divina, haverá verdadeiro milagre, por ser esse um fato contrário às leis da Natureza. Mas, se em tal homem houver apenas aparências de morte, se lhe restar uma *vitalidade latente* e a Ciência, ou uma ação magnética, conseguir reanimá-lo,

Um dos caracteres do milagre propriamente dito é o ser inexplicável, por isso mesmo que se realiza com exclusão das leis naturais.

para as pessoas esclarecidas ter-se-á dado um fenômeno natural, mas, para o vulgo ignorante, o fato passará por miraculoso. Lance um físico, do meio de certas campinas, um papagaio elétrico e faça que o raio caia sobre uma árvore e certamente esse novo Prometeu será tido por armado de diabólico poder. Houvesse, porém, Josué detido o movimento do Sol, ou, antes, da Terra e teríamos aí o verdadeiro milagre, porquanto nenhum magnetizador existe dotado de bastante poder para operar semelhante prodígio.

Foram fecundos em milagres os séculos de ignorância, porque se considerava sobrenatural tudo aquilo cuja causa não se conhecia. À proporção que a Ciência revelou novas leis, o círculo do maravilhoso se foi restringindo; mas, como a Ciência ainda não explorara todo o vasto campo da Natureza, larga parte dele ficou reservada para o maravilhoso.

3. - Expulso do domínio da materialidade, pela Ciência, o maravilhoso se encastelou no da espiritualidade, onde encontrou o seu último refúgio. Demonstrando que o elemento espiritual é uma das forças vivas da Natureza, força que incessantemente atua em concorrência com a força material, o Espiritismo faz que voltem ao rol dos efeitos naturais os que dele haviam saído, porque, como os outros, também tais efeitos se acham sujeitos a leis. Se for expulso da espiritualidade, o maravilhoso já não terá razão de ser e só então se poderá dizer que passou o tempo dos milagres. (Cap. I, nº 18.)

O ESPIRITISMO NÃO FAZ MILAGRES

4. - O Espiritismo, pois, vem, a seu turno, fazer o que cada ciência fez no seu advento: revelar novas leis e explicar, conseqüentemente, os fenômenos compreendidos na alçada dessas leis.

Esses fenômenos, é certo, se prendem à existência dos Espíritos e à intervenção deles no mundo material e isso é, dizem, o em que consiste o sobrenatural. Mas, então, fora mister se provasse que os Espíritos e suas manifestações são contrárias às leis da Natureza; que aí não há, nem pode haver, a ação de uma dessas leis.

O Espírito mais não é do que a alma sobrevivente ao corpo; é o ser principal, pois que não morre, ao passo que o corpo é simples acessório sujeito à destruição. Sua existência, portanto, é tão natural depois, como durante a encarnação; está submetido às leis que regem o princípio espiritual, como o corpo o está às

que regem o princípio material; mas, como estes dois princípios têm necessária afinidade, como reagem incessantemente um sobre o outro, como da ação simultânea deles resultam o movimento e a harmonia do conjunto, segue-se que a espiritualidade e a materialidade são duas partes de um mesmo todo, tão natural uma quanto a outra, não sendo, pois, a primeira uma exceção, uma anomalia na ordem das coisas.

5. - Durante a sua encarnação, o Espírito atua sobre a matéria por intermédio do seu corpo fluídico ou perispírito, dando-se o mesmo quando ele não está encarnado. Como Espírito e na medida de suas capacidades, faz o que fazia como homem; apenas, por já não ter o corpo carnal para instrumento, serve-se, quando necessário, dos órgãos materiais de um encarnado, que vem a ser o a que se chama *médium*. Procedo então como um que, não podendo escrever por si mesmo, se vale de um secretário, ▶



ou que, não sabendo uma língua, recorre a um intérprete. O secretário e o intérprete são os *médiuns* de um encarnado, do mesmo modo que o médium é o secretário ou o intérprete de um Espírito.

6. - Já não sendo o mesmo que no estado de encarnação o meio em que atuam os Espíritos e os modos por que atuam, diferentes são os efeitos, que parecem sobrenaturais unicamente porque se produzem com o auxílio de agentes que não são os de que nos servimos. Desde, porém, que esses agentes estão na Natureza e as manifestações se dão em virtude de certas leis, nada há de sobrenatural, ou de maravilhoso. Antes de se conhecerem as propriedades da eletricidade, os fenômenos elétricos passavam por prodígios para certa gente; desde que se tornou conhecida a causa, desapareceu o maravilhoso. O mesmo ocorre com os fenômenos espíritas, que não são mais aberrantes das leis naturais do que os fenômenos elétricos, acústicos, luminosos e outros, que serviram de fundamento a uma imensidade de crenças supersticiosas.

7. - Entretanto, dir-se-á, admitis que um Espírito pode levantar uma mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio; não está aí uma derrogação da lei da gravidade? - Sim, da lei conhecida. Conhecem-se, porém, todas as leis? Antes que se houvesse experimentado a força ascensional de alguns gases, quem diria que uma pesada máquina, transportando muitos homens, poderia triunfar da força de atração? Ao vulgo, isso não



Antes de se conhecerem as propriedades da eletricidade, os fenômenos elétricos passavam por prodígios para certa gente

pareceria maravilhoso, diabólico? Aquele que se houvera proposto, há um século, a transmitir uma mensagem a 500 léguas e receber a resposta dentro de alguns minutos, teria passado por louco; se o fizesse, teriam acreditado estar o diabo às suas ordens, porquanto, então, só o diabo era capaz de andar tão depressa. Hoje, no entanto, não só se reconhece possível o fato, como ele parece naturalíssimo. Por que, pois, um fluido desconhecido careceria da propriedade de contrabalançar, em dadas circunstâncias, o efeito da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? É, efetivamente, o que sucede, no caso de que se trata. (*O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. IV.)

8. - Uma vez que estão no quadro dos da Natureza, os fenômenos espíritas se não produziram em todos os tempos; mas, precisamente, porque não podiam ser estudados pelos meios materiais de que dispõe a ciência vulgar, permaneceram muito mais tempo do que outros no domínio do sobrenatural, donde o Espiritismo agora os tira.

Baseado em aparências inexplicadas, o sobrenatural deixa livre curso à imaginação que, a vagar pelo desconhecido, gera as crenças supersticiosas. Uma explicação racional, fundada nas leis da Natureza, reconduzindo o homem ao terreno da realidade, fixa um ponto de parada aos transviamentos da imaginação e destrói as superstições. Longe de ampliar o domínio do sobrenatural, o Espiritismo o restringe até aos seus limites extremos e lhe arrebatou o último refúgio. Se é certo que ele faz crer

na possibilidade de alguns fatos, não menos certo é que, por outro lado, impede a crença em diversos outros, porque demonstra, no campo da espiritualidade, a exemplo da Ciência no da materialidade, o que é possível e o que não o é. Todavia, como não alimenta a pretensão de haver dito a última palavra seja sobre o que for, nem mesmo sobre o que é da sua competência, ele não se apresenta como absoluto regulador do possível e deixa de parte os conhecimentos reservados ao futuro.

9. - Os fenômenos espíritos consistem nos diferentes modos de manifestação da alma ou Espírito, quer durante a encarnação, quer no estado de erraticidade. É pelas manifestações que produz que a alma revela sua existência, sua sobrevivência e sua individualidade; julga-se dela pelos seus efeitos; sendo natural a causa, o efeito também o é. São esses efeitos que constituem objeto especial das pesquisas e do estudo do Espiritismo, a fim de chegar-se a um conhecimento tão completo quanto possível, assim da natureza e dos atributos da alma, como das leis que regem o princípio espiritual.

10. - Para os que negam a existência do princípio espiritual independente, que negam, por conseguinte, a da alma individual e sobrevivente, a Natureza toda está na matéria tangível; todos os fenômenos que concernem à espiritualidade são, para esses negadores, sobrenaturais e, portanto, quiméricos. Não admitindo a causa não podem

eles admitir os efeitos e, quando estes são patentes, os atribuem à imaginação, à ilusão, à alucinação e se negam a aprofundá-los. Daí, a opinião preconcebida em que se acastelam e que os torna inaptos a apreciar judiciosamente o Espiritismo, porque parte do princípio de negação de tudo o que não seja material.

11. - Do fato, porém, de o Espiritismo admitir os efeitos, que são corolário da existência da alma,

**É pelas
manifestações
que produz que
a alma revela
sua existência,
sua sobrevivência
e sua
individualidade**

não se segue que admita todos os efeitos qualificados de maravilhosos e que se proponha a justificá-los e dar-lhes crédito; que se faça campeão de todos os devaneios, de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas, de todas as lendas miraculosas. Fora preciso conhecê-lo muito pouco, para pensar assim. Seus adversários julgam opor-lhe um argumento irreplicável, quando, depois de haverem feito eruditas pesquisas sobre os convulsionários de Saint-

Médard, sobre os camisardos das Cevenas, ou sobre os religiosos de Loudun, chegaram a descobrir fatos patentes de embuste, que ninguém contesta. Mas, essas histórias serão, porventura, o Evangelho do Espiritismo? Já terão seus adeptos negado que o charlatanismo haja explorado em proveito próprio alguns fatos; que a imaginação os tenha criado; que o fanatismo os haja exagerado muitíssimo? Ele é tão solidário com as extravagâncias que se cometam em seu nome, como a Ciência o é com os abusos da ignorância e a verdadeira religião com os abusos do fanatismo. Muitos críticos julgam do Espiritismo pelos contos de fadas e pelas lendas populares, ficções daqueles contos. O mesmo seria julgar da História pelos romances históricos ou pelas tragédias.

12. - Os fenômenos espíritos são as mais das vezes espontâneos e se produzem sem nenhuma idéia preconcebida da parte das pessoas com quem eles se dão e que, em regra, são as que neles menos pensam. Alguns há que, em certas circunstâncias, podem ser provocados pelos agentes denominados *médiuns*. No primeiro caso, o médium é *inconsciente* do que se produz por seu intermédio no segundo, age com conhecimento de causa, donde a classificação de *médiuns conscientes* e *médiuns inconscientes*. Estes últimos são os mais numerosos e se encontram com freqüência entre os mais obstinados incrédulos que, assim, praticam o Espiritismo sem o saberem, nem quererem. Por isso mesmo, os fenômenos espontâneos ▶

revestem capital importância, visto não se poder suspeitar da boa-fé dos que os obtêm. Dá-se aqui o que se dá com o sonambulismo que, em certos indivíduos, é natural e involuntário, enquanto que noutros é provocado pela ação magnética. (1)

Resultem, porém, ou não esses fenômenos de um ato da vontade, a causa primária é exatamente a mesma e não se afasta uma linha das leis naturais. Os médiuns, portanto, nada absolutamente produzem de sobrenatural; por conseguinte, *nenhum milagre* fazem. As próprias curas instantâneas não são mais milagrosas, do que os outros efeitos, dado que resultam da ação de um agente fluídico, que desempenha o papel de agente terapêutico, cujas propriedades não deixam de ser naturais por terem sido ignoradas até agora. É, pois, totalmente impróprio o epíteto de *taumaturgos* que a crítica ignorante dos princípios do Espiritismo há dado a certos médiuns. A qualificação de *milagres* emprestada, por comparação, a esta espécie de fenômenos, somente pode induzir em erro sobre o verdadeiro caráter deles.

13.-A intervenção de inteligências ocultas nos fenômenos espíritas não os torna mais milagrosos do que todos os outros fenômenos devidos a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos que povoam os espaços São uma das forças

da Natureza, força cuja ação é incessante sobre o mundo material, tanto quanto sobre o mundo moral.

Esclarecendo-nos acerca dessa força, o Espiritismo faculta a elucidação de uma imensidade de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio e que, por

Conhecida essa lei, desaparece o maravilhoso e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais

isso, passaram por prodígios nos tempos idos. Do mesmo modo que o magnetismo, ele revela uma lei, senão desconhecida, pelo menos mal compreendida; ou, melhor dizendo, conheciam-se os efeitos, porque eles em todos os tempos se produziram, porém não se conhecia a lei e foi o desconhecimento desta que gerou a superstição. Conhecida essa lei, desaparece o maravilhoso e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que tanto operam um milagre os espíritas quando fazem que uma mesa se

movia sozinha, ou que os mortos escrevam, como um milagre opera o médico, quando faz que um moribundo reviva, ou o físico, quando faz que o raio caia. Aquele que pretendesse, com o auxílio desta ciência, *fazer milagres* seria ou um ignorante do assunto, ou um enganador de tolos.

14. - Pois que o Espiritismo repudia toda pretensão às coisas miraculosas, haverá, fora dele, milagres, na acepção usual desta palavra?

Digamos, primeiramente, que, dos fatos reputados milagrosos, ocorridos antes do advento do Espiritismo e que ainda no presente ocorrem, a maior parte, senão todos, encontram explicação nas novas leis que ele veio revelar. Esses fatos, portanto, se compreendem, embora sob outro nome, na ordem dos fenômenos espíritas e, como tais, nada têm de sobrenatural. Fique, porém, bem entendido que nos referimos aos fatos autênticos e não aos que, com a denominação de milagres, são produto de uma indigna trampolinice, com o fito de explorar a credulidade. Tampouco nos referimos a certos fatos lendários que podem ter tido, originariamente, um fundo de verdade, mas que a superstição ampliou até ao absurdo. Sobre esses fatos é que o Espiritismo projeta luz, fornecendo meios de apartar do erro a verdade. ♦

Fonte:

KARDEC, Allan. *A Gênese*. Págs. 259 - 272. Feb. 1985.

(1) O Livro dos Médiuns, 2ª Parte, cap. V. - Revue Spirite; exemplos: dezembro de 1865, pág. 370, agosto de 1865, pág. 231.

Resignação e Indiferença

por Cairbar Schutel

*“Bem-aventurados os que tem fome e sede de justiça, porque serão fartos.”
(Mateus, V, 6.)*

Bem-aventurados os que se revoltam contra a injustiça, mas são resignados e calmos.

Ai dos indiferentes, dos acomodaticios, dos covardes, dos servís, que em proveito próprio aplaudem a injustiça!

Há muita diferença entre a resignação e a indiferença.

A resignação é a conformidade ativa nos inevitáveis acontecimentos da vida.

A indiferença é a submissão passiva às injustiças deprimentes.

A resignação é cheia de amor, de sentimentos nobres, de elevadas paixões.

A indiferença nulifica o amor, aniquila a nobreza da alma, destrói as virtudes e deprime a moral.

A resignação nas provas é obediência aos decretos de Deus.

A indiferença nos sofrimentos é dureza de coração e ausência de submissão à vontade divina.

O resignado é santo, porque a resignação nasce da paciência, e a paciência é filha diletta da Caridade.

O indiferente é um anormal: tem cérebro e não pensa; tem coração e não sente; tem alma e não ama.

O resignado não aparenta sofrimento, porque conhece a Lei de Deus e a ela se submete com humildade.

O indiferente também não mostra sentir a dor, mas, orgulhoso e alheio aos ditames celestes, repele de si a idéia do sofrimento.

A resignação é excelente virtude, que precisamos cultivar; a indiferença é manifestação do egoísmo, que precisamos extirpar.

A resignação é a coragem da virtude.

A indiferença é a covardia da paixão vil.

Aquela eleva, dignifica, enaltece, santifica.

Esta deprime, desmoraliza, deprava e mata.

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.”

Bem-aventurados os que não se submetem às injustiças da Terra, nem pactuam com os opressores, os vis tributários das altas posições!

Fonte:

SCHUTEL, Cairbar. *Parrábulas e Ensinos de Jesus*. Págs. 136 - 137. O Clarim. 1979.

Diretrizes de Segurança



por Divaldo Franco e Raul Teixeira

25. O médium pode trocar a tarefa mediúnica por outra atividade doutrinária?

Divaldo – A tarefa mediúnica estará presente na vida do instrumento, onde quer que ele se localize. É óbvio que a tarefa mediúnica foi por ele elegida e não seria lícito que a abandonasse a meio do caminho, num mecanismo de fuga à responsabilidade, para a realização de outra que, certamente, não levará adiante. O indivíduo, por exercer a mediunidade, pode e deve assumir outras tarefas que dizem respeito ao labor da Casa Espírita, mesmo porque a mediunidade não irá tomar-lhe o tempo integral, de modo que o impeça de vivenciar a programática da Doutrina Espírita em outros níveis.

Neste momento, eu vejo aqui um médium desencarnado, que viveu em Belo Horizonte. Era militar e se chama Henrique Kemper Borges. Entregou-se à mediunidade, trabalhando por longos anos a fio, sem que isso lhe perturbasse o labor da vida militar, social e doutrinária abraçado, porque a educação da mediunidade, diz ele, “faz parte do Evangelho de Jesus e, à luz da Codificação Espírita, é uma diretriz de

equilíbrio no culto do dever que o espírito encarnado assume, para liberar-se do passado comprometido com aqueles a quem prejudicou e que ainda se encontram na erraticidade inferior, necessitando de sua ajuda e de seu apoio. Qualquer motivo que objetive desviá-lo da tarefa abraçada é mecanismo de fuga para acumplicimento com a ociosidade.”

26. Se o médium interrompe sua tarefa mediúnica, pode isto lhe causar danos? Por que?

Divaldo – O êxito de qualquer atividade depende do exercício da aptidão de que se é objeto. A mediunidade, segundo Allan Kardec, “é uma certa predisposição orgânica”¹ de que as pessoas são investidas.

A faculdade é-lhe uma resposta celular do organismo. Apresenta-se como sendo uma aptidão. Se a prática não é convenientemente educada, canalizada para a finalidade a que se destina, os resultados não são, naturalmente, os desejados. A pessoa, não conduzindo corretamente as suas forças mediúnicas, não logra os objetivos que persegue. Abandonando a tarefa a meio termo, é natural que a mesma lhe traga ▶

os efeitos que são conseqüentes do desprezo a que está relegada. Qualquer instrumento ao abandono é vítima da ferrugem ou do desajuste. Emmanuel, através da abençoada mediunidade de Chico Xavier, afirmou com lógica: “Quanto mais trabalha a enxada, mais a lâmina se aprimora. A enxada relegada ao abandono vai carcomida pela ferrugem.”

Quando educamos a mediunidade, ampliando a nossa percepção parafísica, desatrelamos faculdades que jaziam embrionárias.

Se, de um momento para outro, mudamos a direção que seria de esperar-se, é óbvio que a mediunidade não desaparece e o intercâmbio que se dá muda de condutor. O indivíduo continua médium, mas já que ele não dirige a faculdade para as finalidades nobres, vai conduzindo pelas entidades invigilantes, no rumo do desequilíbrio.

Daí dizer-se, em linguagem popular, que a mediunidade abandonada traz muitos danos àquele que dela é portador. Isso ocorre porque o indivíduo muda de mãos. Enquanto está no exercício correto de suas funções, encontra-se sob o amparo de entidades responsáveis. Na hora que inclina a mente e o comportamento para outras atividades, transfere-se de sintonia, e aqueles com os quais vai manter o contato psíquico são, invariavelmente, de teor vibratório inferior, produzindo-lhe danos.

Também seria o caso de perguntarmos ao pianista o que acontece com aquele que deixa de exercitar a arte a que se dedica no campo da música. Ele dirá que perde o controle motor, que as articulações perderam a flexibilidade, a concentração desapareceu e ele vai, naturalmente, prejudicado por uma série de temores que o assaltam, impedindo-lhe o sucesso. A

mediunidade é um compromisso para toda “a vida” e não apenas para toda a reencarnação. Porque, abandonando os despojos materiais, o médium prossegue exercitando a sua percepção parafísica em estágios mais avançados e procurando chegar às faixas superiores da Vida.

27. Em mediunidade, o que seriam sintonia, ressonância e vibrações compensadas?

Divaldo – A sintonia, como o próprio nome diz, é a identificação. Estamos sempre acompanhados daqueles que nos são afins. A emissão de uma onda encontra ressonância num campo vibratório equivalente. Aí temos a sintonia, como numa rádio que emite uma onda e é captada por um receptor na mesma faixa vibratória. A sintonia de Chico Xavier com o Espírito Emmanuel dá essa ressonância maravilhosa, que é a obra abençoada que o Instrutor mandou à Terra. A ressonância seria o efeito que decorre do mecanismo de sintonia. E as vibrações compensadas são aquelas que oferecem, como o próprio nome coloca, a resposta dentro do padrão de reciprocidade. Quando Chico sintoniza com Emmanuel recebe a compensação do benefício que decorre daquela onda provinda do Benfeitor, que lhe responde ao apelo através do bem-estar que lhe proporciona. Essa compensação pode ser positiva ou negativa. Se elaboramos idéias infelizes somos compensados pelas respostas das entidades afins, que se comprazem em nos utilizar na viciação toxicômana, alcoólica, tabagista ou no exagero em qualquer função ou hábito.

Quando oramos ao Cristo, ou oramos a Deus, recebemos imediatamente a compensação do bem-estar que decorre de estarmos sintonizados com o Alto. ♦

Fonte:

FRANCO, Divaldo P. TEIXEIRA, Raul J. *Dirtrizes de Segurança*. Págs. 17 - 19. Frater, 2002.

¹ KARDEC, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XXIV, item 12, 92ª ed., FEB, Brasília-DF, 1986.

CAPA

*A Insuperável Estrutura
da Natureza*



A Insuperável Estrutura da Natureza

por Eliseu F. da Mota Júnior

 Na visão espírita, afirmamos que a prova da existência de Deus resulta de três fatores absolutamente incontestáveis, quais sejam o sentimento instintivo da idéia de Deus no homem, manifestando-se em todas as épocas da Humanidade através da lei de adoração; a lei de causa e efeito, que mostra a impossibilidade da ocorrência de efeitos inteligentes sem uma causa inteligente; e a maravilhosa inigualável da estrutura total da Natureza, nos seus mínimos detalhes, que não pode ser obra do acaso e que revela a imanência cósmica de uma inteligência superior a qualquer mente humana.

Pois bem, na busca da Internet, a rede mundial de computadores, uma pesquisa sobre o vocábulo Deus conduziu-nos até um admirável trabalho literário denominado *Sete razões pelas quais um cientista crê em Deus*, de autoria do conceituado Professor A. Cressy Morrison, que foi Presidente da Academia de Ciências de Nova York. Capturamos o trabalho em inglês na Internet, traduzimos para o português e verificamos que já havia sido usado, de maneira magistral, para ilustrar uma brilhante conferência versando sobre as *Provas científicas da existência de Deus*, proferida pelo eminente tribuno espírita Divaldo Pereira Franco.

Entrando em contato com os Estados Unidos da América, via correio eletrônico da Internet, com o autor da homepage onde está o trabalho do Dr. Cressy Morrison, não encontramos obstáculos para usar os conceitos ali contidos. Da mesma forma, fomos expressamente autorizados pelo estimado Professor Divaldo Franco a citar os seus argumentos, de modo que, respeitando os direitos autorais, passaremos agora a analisar o terceiro fator do qual decorre a prova existencial de Deus, que é exatamente a beleza insuperável da obra universal.

Diz o Dr. Cressy Morrison que nós ainda estamos no princípio da era científica e cada aumento de luz revela mais claramente o trabalho manual de um cientista brilhante. Temos feito descobertas estupendas, e com um espírito de humildade científica e de fé fundamentada no conhecimento, estamos cada vez mais próximos de Deus.

E ele conta sete razões para a sua fé, que comentaremos em seguida com base nos preciosos argumentos de Divaldo Franco.

Primeira: *Por uma determinada lei, lógica, nós podemos provar que nosso Universo foi projetado e executado por uma inteligência engenheira.*



Suponha que você coloque dez moedas, marcadas de 1 a 10, dentro do seu bolso e lhes dê uma boa sacudidela. Agora experimente pegá-las na seqüência, de 1 a 10, pondo cada uma na sua vez e sacudindo de novo. Sabemos que, matematicamente, a sua chance de acertar na número 1 é de uma em dez; de acertar 1 e 2 em seqüência, é de uma em cem; de acertar 1, 2 e 3 em seqüência é de uma em mil e assim por diante; sua chance de acertá-las todas, de 1 a 10 sucessivamente, alcançaria o cálculo inacreditável de uma em dez bilhões.

Aqui o Dr. Cressy Morrison convida os homens a que meditem apenas em algumas das leis que mantêm o equilíbrio da vida na Terra, como, por exemplo, a velocidade com que a Terra realiza os seus movimentos de rotação e de translação em volta de si mesma e do Sol; é sabido que ela corre com a velocidade de cerca de 1.600 quilômetros horários, o que não é um acaso, é uma lei matemática de equilíbrio para sustentar a vida na sua face, porquanto, diz ele, se por acaso a Terra se movimentasse apenas com a velocidade de um décimo, ou seja, de 160 quilômetros por hora, a vida nela seria impossível. Isto porque os dias seriam de 120 horas e as noites de 120 horas; logo, o Sol de 120 horas queimaria toda a vida vegetal e ameaçaria a vida humana, que depois as 120 horas de sombra iriam encarregar-se de destruir pelo frio, através da motivação dos continentes gelados. Logo, alguma coisa estabeleceu a lei de equilíbrio, para que a Terra girasse com tal velocidade.

**Planeta Terra –
As leis que mantêm
o equilíbrio da vida
na Terra são tantas
e tão complexas,
que não existe lugar
para o acaso. Com
massa estimada
em 5 sextilhões
e 883 quintilhões
de toneladas,
o planeta viaja
com a velocidade
aproximada de
1.600 km/h em
torno de si mesmo
e do Sol, protegido
pela atmosfera
contra o ataque
diário de milhões
de aerólitos e
meteoritos.**

E prossegue Dr. Cressy Morrison dizendo que quando nos detemos a olhar a atmosfera, basta lembrarmos que ela foi programada e medida, porque se a atmosfera da Terra fosse mais rarefeita de apenas um quilômetro, a vida no orbe seria impossível, porquanto se sabe que caem sobre a terra diariamente cerca de 50 milhões de aerólitos e de meteoritos, e que se não fosse por essa atmosfera, que pelo atrito os rala e dissolve, a Terra seria bombardeada 50 milhões de vezes por dia, lavrando incêndios e destruições inomináveis, e a vida na Terra seria portanto impossível.

Bastava que o fundo do mar fosse mais profundo de 3 metros e a vida seria impossível, porque o oxigênio do ar seria absorvido e o ácido carbônico também seria recebido pelas águas, matando toda forma de vida, quer no seio das águas, quer na superfície lisa; se por acaso a superfície da Terra fosse mais alta de 2 metros, o fenômeno seria oposto e a vida seria conseqüentemente impossível.

Se por acaso a distância que separa a Lua da Terra não fosse de cerca de 370 mil quilômetros, mas de apenas 70 mil, a vida seria impossível, porque a pressão magnética do satélite sobre os mares faria levantar ondas tão altas e terríveis, que estas marés e preamares destruiriam totalmente a vida na Terra, lambendo os picos mais altos do Himalaia.

Na mesma ordem de raciocínio, se a inclinação do eixo da Terra não fosse 18/24 graus, mas estivesse em uma vertical ou mudasse de posição, a vida seria impossível, porque os gelos antárticos escorreriam pela Terra, levando tudo a roldão. ▶

Desse modo, assegurou o Dr. Cressy Morrison, por essa singela lei, e por uma série de outras leis que seria fastidioso enumerar, eu creio em Deus, como, por exemplo, a distância que separa a Terra do Sol – aproximadamente 150 milhões de quilômetros –, o que dá à Terra uma tépida sensação de calor, não insuficiente nem demasiada para a sua manutenção, porque o Sol tem uma temperatura superficial de cerca de 6.648 graus centígrados. Assim, se a Terra estivesse mais próxima, seria destruída pelo calor; se estivesse mais afastada, seria destruída pela falta de calor, dos raios ultravioletas e infravermelhos e dos caloríficos, que mantêm o equilíbrio metabólico na vida vegetativa.

Logo, uma inteligência matemática e superior estabeleceu as condições para a vida na Terra e é evidente, deste e de outros

exemplos, que não há uma única chance em bilhões para que a vida no nosso planeta fosse o resultado de um acidente.

Segunda: *O talento da vida para executar a sua proposta é toda a manifestação de um inteligência suprema.*

Aqui o Dr. Cressy Morrison afirma que crê em Deus graças a uma lei singela, que está imanente em tudo e em todos: a lei da vida. Que é a vida? Por mais que se haja tentado definir que é a vida, as definições são todas incompletas. A Biologia, a Filosofia têm tentado definir a vida, mas ninguém sabe o que é a vida na sua realidade. Não obstante, a vida está em toda parte, está aqui, ali, além, alhures, em todo lugar. Mas, que é a vida? A vida é um arquiteto maravilhoso, que ergue nas profundezas submarinas os castelos de

algas e de corais. É o extraordinário escultor, que trabalha cada folha e talhe, ramículos e contornos jamais repetidos em qualquer outra flor ou folha encontradas na Terra. É o paciente professor de música que ensina cada pássaro a entoar sua canção de amor. É o químico sublime, que dá a cada fruta o seu sabor característico e inconfundível. É o perfumista caprichoso, que transforma o humo em aroma. É o ser terrível, que consegue converter água em açúcar e madeira. Mas onde está a vida? A vida está no protoplasma. O protoplasma é uma gota gelatinosa transparente, invisível a olho nu – uma cabeça de alfinete comportaria cinco milhões –, mas que é atraída pelo heliotropismo, e isto é a vida, é a grandeza da vida. Se por acaso toda a vida desaparecesse da face da Terra – animal, vegetal, humana – e ficasse um só protoplasma e um ▶



raio de sol dissidente, logo a vida se restabeleceria, porque através da lei da cissiparidade esse protoplasma se bipartiria, novamente se bipartiria e em breve estariam os campos e prados reverdecidos, os mares e os rios povoados, a Terra povoada, na bagatela de 10 bilhões de anos apenas. Por isso, proclama o Dr. Cressy Morrison, em creio em Deus.

Terceira: *A sabedoria animal fala irresistivelmente de um bom Criador, que infunde instintos a todas as suas desamparadas e pequenas criaturas.*

Esta razão científica da crença do Dr. Cressy Morrison em Deus decorre da inexplicabilidade do instinto dos animais. Sabemos como se manifesta o instinto, mas não onde se encontra e nem como é o seu mecanismo. Mas o instinto dos animais e o heliotropismo das plantas são tão extraordinários que dentro das águas de muitos lagos existem duas plantas que se amam profundamente. A planta feminina independe da planta masculina. A planta feminina é caprichosa, como aliás tudo que é feminino é caprichoso. Quando chega a época de abrir-se em botão, ela desprende aquele cordel vegetal que vai desenrolando-se, até chegar à crista das águas da superfície em que a flor se abre; a planta masculina, sabendo que está na hora da fecundação, arrebenta o pedúnculo, porque ele é débil, e sobe, e se abre exatamente quando o vento vai soprar na direção da planta aberta feminina; o pólen é carregado, a planta feminina absorve-o, fecha-se e volta a descer; então se multiplica na intimidade das

águas inferiores. Por quê? Milagre da vida, grandeza de um instinto vegetal, que, no reino animal, está estabelecido desde as aves, os peixes e os mais pequeninos insetos.

No João-de-Barro, que, chegando à época do acasalamento para a perpetuação da espécie, sobe à árvore mais alta e ali ergue o seu ninho; mas antes de colocar a porta ele trepa ao galho superior e coloca o bico na direção dos ventos, para saber de que direção virão os ventos hibernais e poder então abrir a porta do lado oposto ao do vendaval, a fim de preservar a sua prole. E não erra nunca, o que mata de inveja os serviços de meteorologia, que não acertam jamais. Quem é que ensinou o João-de-Barro a produzir uma técnica de perfeição que lhe mantém a sobrevivência?

E o milagre das enguias? As enguias são peixes em forma de serpente que só se reproduzem em águas profundas e frias. Quando vão procriar elas abandonam todos os mares, todos os lagos, todas as águas do mundo e começam a nadar na direção das

águas abissais das Bermudas. Ali elas procriam e morrem. Mas os seus filhos sabem de onde vieram seus pais. Fazem a viagem de volta e vão habitar as águas de onde vieram seus ancestrais. Os piscicultores e pescadores atestam que jamais encontraram extraviadas enguias americanas em águas eu-

ropéias e vice-versa. Mas a lei foi tão caprichosa que estabeleceu para a enguia européia um atraso de maturação da fecundação de um ano, porque as Bermudas estão

Quem é que ensinou o João-de-Barro a produzir uma técnica de perfeição que lhe mantém a sobrevivência?



mais longe da Europa do que da América e elas devem se encontrar na mesma oportunidade em que as águas estejam necessariamente frias para procriarem. A lei retarda um ano, que é o tempo que elas gastam, as européias, para chegarem às Bermudas quando chegam suas irmãs americanas.

Mas a vespa é muito mais hábil na manutenção de seu instinto, porque ela sabe que quando vai procriar também vai morrer. Ela coloca os ovos numa fôrma e sabe que os seus descendentes já nascem adultos, porque todo inseto já nasce adulto. E eles só poderão sobreviver se comerem carne, carne viva. Então a vespa faz uma viagem até encontrar um gafanhoto; aplica-lhe um golpe que o torna hibernado; deixa-o paralisado, porém vivo. Carrega-o e coloca junto aos seus ovos. Nenhum entomologista e nenhum anestesista conseguiram até hoje fazer a aplicação paralisante no nervo do gafanhoto, que o imobiliza, porque às vezes aplicam veneno demais e matam o “paciente”, ou aplicam de menos e o “paciente” não se deixa devorar. Mas a vespa sabe. Sai dali e morre. Quando os ovos se arrebetam e as pequeninas vespas começam a comer com voracidade, o gafanhoto sobrevive, porque elas se alimentam das partes não vitais, pois sabem que se matarem o gafanhoto e comerem carne podre morrem também. Que técnica é essa? Instinto é uma palavra que não diz nada convencional. É uma lei, que estabeleceu científica e matematicamente o equilíbrio da flora e da fauna na face da Terra.

Quarta: *O homem tem alguma*

coisa mais do que um instinto animal – o poder da razão.

Neste ponto o Dr. Cressy Morrison assegura que crê em Deus por causa da razão. Ocorre que o instinto é uma nota monótona, que se repete sempre a mesma, sempre igual. Mas a razão são as sete notas musicais, é a pauta, é a sinfonia, é o canto melódico. Através da razão pode o homem entender Deus e contemplar a possibilidade de ser o que é somente porque recebemos uma centelha da Inteligência Universal.

Aqui podemos acrescentar que em Doutrina Espírita entendemos que o homem não é um corpo animado e sim um espírito eterno, uma chama, uma centelha ou um clarão etéreo, criado por Deus à sua semelhança, porque, segundo ensinou Jesus, Deus é Espírito e verdade, e como tal deve ser adorado (João, 4,24).

Quinta: *A provisão para toda vida é revelada na fenomenal maravilha dos genes.*

Os genes habitam cada célula viva e são a chave de todos os caracteres humanos e vegetais. Pois bem, se todos esses minúsculos genes, responsáveis pela vida de todas as pessoas do mundo, pudessem ser colocados em apenas um lugar, eles não encheriam um simples dedal, que seria suficiente para armazenar toda a herança genética individual de bilhões de seres humanos. Estes fatos são inquestionáveis.

É aqui que realmente a evolução começa – na célula, uma entidade minúscula que guarda e cuida dos

Célula –
De acordo com o Dr. Cressy Morrison, se todos os genes responsáveis pela vida de bilhões de seres humanos pudessem ser armazenados em apenas um lugar, eles não encheriam um simples dedal!

genes. Esse microscópico gene pode ditar absolutamente a regra da vida na Terra. É exemplo incontestável de profunda sutileza e providência que somente poderiam emanar de uma Inteligência Criativa; nenhuma outra hipótese serviria.

Sexta: *Pela economia da Natureza, somos forçados a perceber que somente uma sabedoria infinita poderia ter previsto e preparado com tamanha prudência administrativa.*

Creio em Deus, assevera aqui o Dr. Cressy Morrison, por causa de uma lei de equilíbrio que existe nas coisas. E elucida. Os australianos desejavam plantar nas suas terras inóspitas verdadeiros seminários e simultaneamente torná-las agrícolas. Mas, como os ventos alísios passavam e destruíam as plantações, ocorreu-lhes fazer sebes protetoras. E importaram, sem nenhum cuidado ecológico prévio, determinadas plantas para que elas fizessem paredes contra os ventos. Imediatamente viram o enorme equívoco em que incorreram, porque na Austrália não havia insetos inimigos daquelas plantas. E as plantações começaram a multiplicar-se. Dez anos depois haviam roubado uma área maior do que a das ilhas britânicas. Foi dado o alarme internacional. Usaram tratores, lança-chamas, herbicidas e as plantas continuavam multiplicando-se, expulsando lavradores, fechando aldeias, interrompendo cidades.

Nesse momento houve um congresso em Sidney e entomologistas do mundo inteiro foram ao congresso estabelecer como salvar a Austrália. Depois de oito dias de

discussão, chegaram à conclusão da lei natural, de que o equilíbrio ecológico é mantido entre vegetais e animais através de uma lei desconhecida. Para salvar a Austrália daquelas plantas, seria necessário que se encontrasse um inseto que, além de gostar especialmente daquela planta, ainda se multiplicasse muito, para que em pouco tempo terminasse com a invasão botânica.

Depois de procurar, e muito, chegaram à conclusão de que existia um tipo específico de besouro e que realmente seria um besouro famélico e facilmente reprodutível. Pesquisando no mundo inteiro, encontraram os tais besouros na Amazônia.

O fato de que o homem pode conceber a idéia de Deus já é, por si mesmo, a grande prova da existência de Deus

Eram besouros famintos e que prociavam como somente a fome consegue explicar. Levaram os besouros amazonenses, jogaram sobre as plantas e ficaram aguardando. As plantas começaram a desaparecer e

os besouros a se multiplicarem.

Veio então o caos oposto: as plantas estavam se acabando e o que iriam fazer com os besouros brasileiros? Nesse momento a lei funcionou, pois na razão direta em que diminuía as plantas, diminuía os besouros, ficando besouros para plantas e plantas para besouros, mantendo a lei do equilíbrio ecológico, esta lei que nos permite viver na Terra, porque existem classificadas, já, mais de 750 mil famílias de insetos. E todos sabemos que os insetos respiram através de tubos, porém na medida em que eles crescem os tubos não crescem, o que mantém o equilíbrio, porque eles morrem por falta de cubagem de ar. Mas isso não é um acaso, pois do contrário poderíamos encontrar pulgas e moscas com corpos de dromedários e paquidermes, tornando absolutamente impossível a vida na face da Terra.

Sétima: *O fato de que o homem pode conceber a idéia de Deus já é, por si mesmo, a grande prova da existência de Deus.*

Creio em Deus, por fim, proclama o Dr. Cressy Morrison, pela imaginação, porque só através da imaginação é que o homem pode conceber Deus. Como dizia o Salomista Davi, no canto 19, versículo 1 dos Salmos: “cantam os céus a glória de Deus e o firmamento proclama a obra das suas mãos”.

É evidente. Numa noite tranqüila, de céu transparente e estrelado, quem desejar entender Deus faça uma viagem solitária por uma via erma, olhando a grandeza da escumilha celeste. E dirá, entusiasmado:

“Senhor, eu vejo milhões de astros que brilham!” E cometerá o seu primeiro engano, porque somente se enxerga a olho nu 5 mil estrelas. Ou melhor, 2.500, porque as outras 2.500 estarão do outro lado do planeta, onde será dia. Quem duvidar, pode conferir! Mas se usar de um binóculo poderá ver 15 mil estrelas; se usar de um telescópio doméstico poderá ver 150 mil e se for olhar do telescópio de Monte Palomar poderá ver 30 milhões de estrelas em nossa Via Láctea.

Cantando as glórias de Deus!

E o homem emocionado, irá ao observatório de radioastronomia da Alemanha e saberá que a nossa Via Láctea tem mais de 100 bilhões de estrelas. E saberá também que é uma galáxia subdesenvolvida,

porque existem trilhões de galáxias maiores do que a nossa.

Cantando as glórias de Deus!

E o homem poderá dizer a idade, poderá dizer a intensidade da luz que lhe revela a evolução e a decomposição estelar, porque, dizem os poetas, as estrelas são como as mulheres, quando jovens, tendo como por exemplo, na Espiga da Virgem, 11 mil graus centígrados, elas são brilhantes, brancas, esfuziantes, mas, como o Sol, uma estrela de quinta grandeza, tornam-se amarelas e mais adiante vermelhas, em pleno crepúsculo.

E o homem, entusiasmado, olhará em volta de si e compreenderá que a Via Láctea, conforme pregava Sir James Jeans, astrônomo inglês, poderia ser considerada um arco de

carruagem; se o homem saísse da terra, marchando na mesma direção na velocidade da luz, gastaria, para chegar ao aro da carruagem, 25 séculos, atravessando apenas a sua modesta e pequenina Via Láctea.

Então vem uma sensação de infinito, de grandeza de Deus que comove, e o homem, imediatamente, olhando toda essa grandiosidade, começará a compreender as distâncias. A luz do Sol, viajando a uma velocidade de cerca de 300 mil quilômetros por segundo, chega até nós aproximadamente 7 minutos e 8 segundos depois de ter partido de lá. Ele olha adiante e se deslumbra com a Alpha de Hércules. Mas Alpha de Hércules é uma estrela tão grande, que se ela fosse colocada no nosso sistema solar, no lugar do Sol,



tomaria o volume do próprio Sol, e ainda os planetas Mercúrio, Vênus, Terra e Marte caberiam dentro dela, porque ela é cerca de 80 mil vezes maior do que o Sol.

Cantando as glórias de Deus!

E o homem olha e começa a medir. Terá que acompanhar as novas descobertas da Ciência. Apenas nos anos 80, materializaram-se nos poderosos instrumentos dos pesquisadores estrelas de nêutrons tão massivas, que uma partícula delas, do tamanho de uma laranja, tem a massa estimada para a Terra, que é de 5 sextilhões e 883 quintilhões de toneladas! Foram detectados quasares, os corpos mais antigos e brilhantes do Universo, que somente podem ser observados em toda a sua plenitude através da associação de vários radiotelescópicos postados em diferentes pontos do planeta. Um quasar chega a ter uma radiação 300 bilhões de vezes mais potente que a do Sol, mas o seu sinal é muito débil, porque a sua luz vem varando os espaços há mais de 15 bilhões de anos-luz para chegar até nós!

E ao determo-nos em tal contemplação, saberemos que o Sol está caminhando para a morte. É que o nosso astro-rei, para manter em órbita os planetas Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e Plutão, converte centenas de milhões de toneladas de matéria em energia por segundo, de forma que quando o Sol não nos puder mais manter mais, virá o desequilíbrio gravitacional. Mas não há motivo para nenhum tipo de pânico, porque, de acordo com o cálculo dos astrônomos, isto somente acontecerá daqui a bilhões de anos!

Cantando as glórias de Deus!

Do macrocosmo, aquele viajante solitário da erma estrada pára e leva a língua ao véu palatino. O palato móvel se ergue, ele trava em seco e Deus abandona a galáxia para vir para dentro da sua boca, através das papilas da língua: 5 milhões de corpúsculos gustativos, para lhe dar a sensação de quente, de frio, de doce e salgado.

Ele leva a mão à cabeça e dezenas de bilhões de neurônios cerebrais, encarregados da memória e de mandar a mensagem elétrica e ao mesmo tempo química, para imprimir nas telas e nos recônditos da alma as impressões percebidas pelos sentidos, estão no seu circuito perfeito.

***Se o indivíduo
toma uma picada
de alfinete,
destrói milhares
de capilares, e
outros milhares de
capilares correm
para o lugar***

Então ele se agita, e o mais perfeito circuito do mundo está dentro dele mesmo: o aparelho circulatório, que mede oscilantemente de 95 mil a 160 mil quilômetros de veias, vasos e artérias. Cantando as glórias de Deus! É um aparelho auto-suficiente, porque ele elabora

as energias e substâncias de que tem necessidade: leucócitos e hemácias. Se o indivíduo toma uma picada de alfinete, destrói milhares de capilares, e outros milhares de capilares correm para o lugar; se ele toma um talhe e vem a hemorragia, imediatamente os capilares dão-se as mãos, atiram uma camada de fibrina como se fosse um coágulo tampão de algodão para salvar-lhe a vida, porque senão se esvairia em sangue, como no caso dos hemofílicos, que não têm tal defesa.

Cantando as glórias de Deus!

Ele começa a pensar num azeite, numa comida saborosa. Imediatamente 30 milhões de glândulas, só do estômago, começam a preparar o suco gástrico; ele pensa num bife gaúcho, ou naquele admirável churrasco rodante, que cada hora vem uma coisa e o estômago já sabe que as carnes piores vêm primeiro e as últimas só virão quando ele não agüentar mais. Então, imediatamente ele começa a preparar o suco gástrico. Porém, se o indivíduo é um glutão, ele pensa imediatamente numa companhia; ele pensa em tomar um aperitivo e o estômago se prepara. Mas ele adora tortas e o estômago se prepara. Ele vai levando o bolo alimentar aos lábios e já está na papila da língua a enzima ptialina, encarregada pela digestão bucal. Quando ele vai levando o alimento, a enzima está preparada para digestão, ele diz: “Não; não é isto que eu quero”. Devolve e pega outra coisa. Pobres das glândulas! Jogam a substância fora e preparam outra. E se ele resolve comer uma salada de frutas ou de legumes, o estômago vê e prepara a reação, até quando não agüenta mais e lhe dá uma indigestão educativa! ▶

Cantando as glórias de Deus!

E as glândulas supra-renais, mantendo o humor pela distribuição da adrenalina? E os rins? 106 quilômetros de veias, vasos e artérias para fazer o milagre do filtrado de sangue. As bombas pulmonares, filtrando a poluição com que o próprio homem destrói o seu ambiente de vida? E a bomba cardíaca, pulsando desde a vida pré-natal, na intimidade do útero materno, até o último instante, quando se dá a morte clínica e vem a degenerescência celular por falta de oxigenação do cérebro.

Cantando as glórias de Deus!

O aparelho genésico, a fonte de procriação, o santuário da espécie, que o homem enxovalha e conspurca perturbado pela sensação. Toda a aparelhagem endócrina. O timo e seus derivados.

Cantando as glórias de Deus!

Como dizia Mazzili, olhe o homem, multiplique pelo infinito e você terá Deus, cantando a glória que as filosofias espúrias e o preconceito da inteligência dos homens – *vermes que pensam*, como assevera Emmanuel -, desejam aniquilar nas artimanhas da sua máquina intelectual, desarvorando-se para poderem refocilar nas paixões inferiores sem a responsabilidade da autodeterminação.

Mas Deus ainda é mais grandioso diante de uma sepultura vazia, quando alguém lamenta a partida de um ser querido que ali não está, e ele retorna para perpetuar o amor nesses intercâmbios (dúlcidos) das sessões mediúnicas, conforme a Doutrina Espírita nos traz através do miraculoso condão da mediunidade, provando à saciedade que

o ser não é a matéria, nem a vida é a orgânica da aparelhagem psicossomática. A Terra é apenas um veículo de aprendizagem, porque o mundo real, verdadeiro e legítimo é o espiritual, de onde todos viemos e para onde, sem nenhuma exceção, retornaremos com o resultado desse aprendizado.

Asseverou Allan Kardec, resgatando a noção do oráculo de Delfos, que a verdadeira necessidade do homem é autoconhecer-se, para valorizar as determinações divinas e crescer na direção do infinito.

**Deus; Deus
está manifesto
no amor!
A Doutrina
Espírita nos
trouxe Deus de
volta!**

Deus; Deus está manifesto no amor!

A Doutrina Espírita nos trouxe Deus de volta! Não um Deus que pode ficar detido nas paredes de uma religião, de qualquer religião! Não um Deus nacional! Mas esse Deus das galáxias, esse Deus sideral, esse Deus que perfuma uma flor, sorri nos lábios de uma criança que passa e aureolado na cabeça encanecida de um ancião nos fala de elevação, respeito e dignidade! Esse Deus que nos sensibiliza a alma e do

qual, apesar de todas as definições filosóficas, a melhor definição que se lhe deu fluiu dos lábios de Jesus: “MEU PAI!”

A paternidade divina e a fraternidade universal um dia governarão a Terra pelo código do amor. Porém, quando desejamos ser amados somos crianças espirituais; atingimos a maioridade quando amamos; mas quando amamos sem pedir, quando amamos dando, ofertando, doando-nos, porque o amor que doa objetos estranhos não ama, negocia com a divindade, mas o amor que se dá revela Deus e faz a criatura co-criadora na obra da Criação. Doar-se! A dor realmente espalhou-se pela face da Terra, mas isto aconteceu porque o homem voltou-se para dentro de si mesmo e fez-se egoísta. A Doutrina Espírita, patrocinando a causa de que **fora da caridade não há salvação**, conclama-nos todos à solidariedade universal: um sorriso, um aperto de mão, um gesto fraterno, uma palavra gentil, um copo d’água fria, um naco de pão, um prato de sopa, um vidrinho de medicamento, um retalho de pano que seja, mas sobretudo um ato de dignidade perante si mesmo, porque a caridade sempre é maior para aquele que se dignifica pela transformação espiritual para melhor.

Então Deus abandona as galáxias, nele pulsa, neste ser renovado se agita, e ele, emocionado, se ergue e brada com Adélio Neves: “Eu creio em Deus, porque Deus está dentro de mim!” ♦

Fonte:

MOTA JÚNIOR, Eliseu F. da. *Que é Deus*. Págs. 150 - 165. O Clarim. 1998.

Dignidade e Orgulho

por Vinícius

“Se o teu irmão pecar contra ti, vai repreendê-lo entre ti e ele só. Se te ouvir, ganho terás teu irmão; mas se não te ouvir, leva contigo uma ou duas pessoas, para que por boca de duas ou três testemunhas toda a questão fique decidida. Se, apesar disso, ele recusar atender-te, dize-o à Igreja; e se também recusar ouvir a Igreja, considera-o como gentio.” (Evangelho)

Eis aí quanto esforço manda o Mestre que se empregue no sentido de anular uma desinteligência qualquer, antes que ela assuma o caráter de inimizade, tornando-se em causa de separação.

Muito vale, aos olhos do Senhor, a amizade de um irmão, para que nos aconselhe pôr em prática, em prol de sua conservação, todos os meios ao nosso alcance.

Desmanchar dúvidas, alisar nugas, dissipar essas nuvens que comumente se apresentam no horizonte da vida fraternal ou de relação, antes que essas nuvens degenerem em tormentosa procela, é dever primacial de todo aquele que aspira a seguir as pegadas do Filho de Deus.

Infelizmente, porém, longe estão os homens de proceder como ensina o Mestre.

Parece-nos que não haveria rusga que se não desfizesse, nuvem que se não dissipasse, uma vez posto em prática o conselho do Salvador. Os homens, como as nações, viveriam em paz. A Terra não se embeberia mais de sangue, o mundo deixaria de ser teatro de homicídios e guerras fratricidas.

Mas, como se há-de procurar o ofensor empregando assim tanto esforço, buscando tantos meios de reconciliação, se tal atitude aparece aos olhos humanos como ato de covardia? Onde está, dizem a uma voz, a dignidade da vítima?

Assim raciocina o orgulho humano. Sim, o orgulho, porque não é a virtude, mas as vis paixões que sempre se

antepõem, qual pedra de tropeço, no caminho que conduz o homem à realização dos seus gloriosos destinos.

Isso a que os homens chamam - dignidade - e cuja defesa espetacular faz em duelos à pistola, à pena e à língua, é explosão do orgulho; nada mais.

A verdadeira dignidade requer defesa no interior e não no exterior. É dentro, e não fora de nós, que a dignidade reclama defesa. Ninguém pode atentar contra nossa honra e nosso brio, senão nós mesmos.

O homem não é digno nem indigno, bom nem mau, porque os demais o digam; o homem é digno e bom quando a dignidade e o apuro dos sentimentos constituem predicados de seu caráter. Ele será indigno e mau sempre que realmente existam máculas indelévels em seu íntimo.

É do coração que vem a virtude como o vício, o bem como o mal. É a luz da consciência que o homem se engrandece ou se avilta. Nesse recesso, nenhum elemento tem ação.

O homem que opõe uma ofensa a outra ofensa, que fere ou mata por desforço, age sempre impelido pela tirania das paixões, jamais por princípio de legítima dignidade. Aquilo que defende é precisamente o que deveria deixar morrer em si: o orgulho.

A verdadeira dignidade é calma e serena: tem confiança em Deus e na sua Justiça. É inacessível aos botes do inimigo. Não pede defesa de fora, porque se sente defendida e amparada sobejamente na força do próprio caráter, do qual faz parte integrante.

Deixemos, pois, que morra à mingua de defesa o nosso orgulho, e pratiquemos a sublime doutrina de Jesus - Cristo, com respeito a tudo que serve de causa de separação e de odiosidade.

“Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus.”



Fonte:

VINÍCIUS. *Nas Pegadas do Mestre*. Págs. 158 - 159. Feb. 1995.

O Balde

por Wallace Leal V. Rodrigues



Quando menino, eu era muito inconstante e preguiçoso.

Faltava-me persistência, inclusive para os estudos.

Um dia, quando eu brincava no quintal, meu avô chamou-me e mostrou-me, no soalho do galpão, um grande balde cheio de água.

Tinha na mão uma linda pêra, lisa e brilhante, que, de imediato, despertou a minha cobiça. Entretanto, para minha decepção, ele não me deu. Pegou o fruto, delicioso e maduro, e colocou-o na água, onde ele ficou a flutuar. E, então, me disse:

– Você quer essa pêra, não quer? Pois ela será sua. Mas você terá de apanhá-la, sem o auxílio das mãos, só com os dentes.

A pêra era tentadora e eu atirei-me à tarefa que, de início, até me pareceu divertida.

Entretanto, aos poucos, fui me cansando e terminei por desistir, sem lograr o objetivo.

Meu avô, porém, incitava-me a tentar de novo, a redobrar esforços.

E, ao cabo de algum tempo – eu já estava com as costas doendo e alagado de suor –, consegui abocanhar a fruta.

E foi com orgulho que a entreguei ao meu avô.

Então ele me disse com simplicidade, sorrindo bondosamente:

– Você viu como é agradável a sensação que teve ao vencer? Se quiser ter para si os bons frutos da vida e sentir sempre essa maravilhosa emoção que o faz sorrir, lembre-se sempre disto: é preciso persistir, persistir e persistir. Tome, a pêra é sua, você vê que, agora, tem mesmo direito a ela.

A lição impressionou-me profundamente.

E hoje, toda vez que me sinto inclinado ao desânimo, lembro-me daquela experiência com a pêra e atiro-me para a frente, com redobrados esforços.

Ampara teu filho ainda hoje, conduzindo-o nas veredas do bem, a fim de que não lhe chores a perda, amanhã, nas constantes arremetidas do mal.

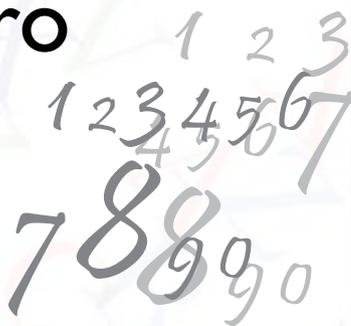
Bezerra de Menezes

Fonte:

RODRIGUES. Wallace Leal V. E. *Para o Resto da Vida*. Págs. 25-26. O Clarim. 2005.

Faça o Número Concordar

por Eduardo Martins



O numeral deve concordar sempre com a palavra que determina: *dois homens, duas mulheres, trezentos carros, trezentas armas.*

Nem tudo, porém, é tão simples assim e os problemas surgem principalmente com números grandes e quebrados. Por isso procure não errar quando pronunciar algarismos que se refiram a palavras femininas.

Por exemplo: *Houve 326 ocorrências desse tipo no mês passado.* Repare que a **ocorrência** é uma palavra feminina. Assim, por extenso: *Howe trezentas e vinte e seis ocorrências.* No caso, só **trezentos** admite feminino.

Veja outro caso: *Chegaram ao País 432 competidoras.* **Quatrocentos e dois** têm feminino. Portanto: *Chegaram ao país quatrocentas e trinta e duas competidoras.* Igualmente: *Comprou 2.642 peças (duas mil seiscentas e quarenta e duas peças).*

Muitas pessoas consideram invariáveis números como **duzentos, trezentos**, etc.: um anúncio de uma seguradora, por exemplo, fala em *quatrocentos e trinta e uma ocorrências.* Ou seja, fez-se a concordância

apenas do **uma**, quando o certo é: *quatrocentas e trinta e uma ocorrências.*

Já **milhão, bilhão, trilhão**, etc., são palavras masculinas. Portanto: *Dois milhões de pessoas* (e nunca “duas milhões”). / *Trezentos bilhões de bactérias* (e nunca “trezentas bilhões”). / *Um trilhão de palavras* (e nunca “uma trilhão”).

No número fracionário, a concordância faz-se com a expressão básica (ou, matematicamente, com o numerador da fração): *Um quinto da população aprovou as medidas.* / *Três quartos dos amigos afastaram-se dele.* / *Um sexto dos presentes vaiou o orador.* / *Na época dos biônicos, um terço dos senadores era nomeado e dois eram eleitos pelo povo.*

Como **milhar, milhão, bilhão, trilhão**, etc., são substantivos masculinos, a concordância segue estes exemplos: *os milhões* (e não “as milhões”) *de crianças*, *os milhares* (e não “as milhares”) *de fitas*, *os cinco bilhões* (e não “as cinco bilhões”) *de bactérias*, *os oito trilhões* (e não “as oito trilhões”) *de liras*, *o milhão* (e não “a milhão”) *de meninas*, *os seis milhares* (e não “as seis milhares”) *de pessoas.*

A concordância verbal de **milhão**

(**bilhão, trilhão**, etc.) pode ser com o número ou com a coisa expressa: *Um milhão de casas foi construído.* / *Um milhão de casas foram construídas.* / *Dois milhões de pessoas foram convocados.* / *Dois milhões de pessoas foram convocadas.*

Se o verbo estiver antes de **milhão, bilhão**, etc., deverá combinar com eles e não com o que esses valores determinarem: *Foi construído* (e não “foram construídas”) *um milhão de casas.* / *Foram convocados* (e não “convocadas”) *dois milhões de pessoas.* / *Foram destruídos* (e não “foram destruídas”) *cinco bilhões de bactérias.*

Finalmente, só de dois em diante o número leva o substantivo para o plural: *1,7 milhão* (e nunca “1,7 milhões”), *0,3 ponto percentual* (e nunca “0,3 pontos percentuais”), *1,4 grau* (e nunca “1,4 graus”) *de temperatura*, *0,9 metro* (e nunca “0,9 metros”). Nos demais casos: *5 milhões*, *8 bilhões*, *14 trilhões.*

Fonte:

MARTINS, Eduardo. *Com Todas as Letras*. Pág. 86. Editora Moderna. São Paulo/SP, 1999.

Que Pedes?

“Louco, esta noite te pedirão a tua alma.” – Jesus.
(Lucas, 12:20.)

Que pedes à vida, amigo?

Os ambiciosos reclamam reservas de milhões.

Os egoístas exigem todas as satisfações para si somente.

Os arbitrários solicitam atenção exclusiva aos caprichos que lhes são próprios.

Os vaidosos reclamam louvores.

Os invejosos exigem compensações que lhes não cabem.

Os despeitados solicitam considerações indébitas.

Os ociosos pedem prosperidade sem esforço.

Os tolos reclamam divertimentos sem preocupação de serviço.

Os revoltados reclamam direitos sem deveres.

Os extravagantes exigem saúde sem cuidados.

Os impacientes aguardam realizações sem bases.

Os insaciáveis pedem todos os bens, olvidando as necessidades dos outros.

Essencialmente considerando, porém, tudo isto é verdadeira loucura, tudo fantasia do coração que se atirou exclusivamente à posse efêmera das coisas mutáveis.

Vigia, assim, cautelosamente, o plano de teus desejos.

Que pedes à vida?

Não te esqueças de que, talvez nesta noite, pedirá o Senhor a tua alma.

Emmanuel - Chico Xavier
Vinha de Luz

O Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar"

convida você e sua família
para estudar o Espiritismo.

Venha conhecer a Filosofia, a Ciência
e a Religião Espíritas.

Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar"



R. Prof. Luís Silvério, 120
Vl. Marieta - Campinas/SP
(19) 3032-0256



- Uma aula por semana
- Aulas apostiladas e dinâmicas
- Exibição de filmes (em telão) alusivos aos temas

- Auditório com ar condicionado, som e imagem digitais
- Estacionamento e segurança no local
- Material didático (opcional)
- Aulas em datashow

CURSOS GRATUITOS

ATIVIDADES PARA 2008

Cursos	Dias	Horários	Início	
1º Ano: Curso de Iniciação ao Espiritismo com aulas e projeção de filmes (em telão) alusivos aos temas. Duração 1 ano com uma aula por semana.	2ª Feira	20h00 - 21h30	11/02/2008	Aberto ao Público: Necessário Inscrição: 3032-0256 / 3386-9019 3233-5596
1º Ano: Curso de Iniciação ao Espiritismo com aulas e projeção de filmes (em telão) alusivos aos temas. Duração 1 ano com uma aula por semana.	sábado	14h00 - 15h00	16/02/2008	Aberto ao Público: Necessário Inscrição: 3032-0256 / 3386-9019 3233-5596
2º Ano	3ª Feira	20h00 - 22h00	12/02/2008	Restrito
2º Ano	Sábado	16h00 - 18h00	16/02/2008	Restrito
3º Ano	4ª Feira	20h00 - 22h00	13/02/2008	Restrito
3º Ano	Domingo	9h00 - 11h00	17/02/2008	Restrito
Parábolas Evangélicas: Estudo das Parábolas de Jesus à luz do Espiritismo. Duração: 1 ano com uma aula por semana.	5ª Feira	20h00 - 21h00	06/03/2008	Aberto ao público. Não é necessário fazer inscrição. Basta comparecer na data.
Estudos Bíblicos: Estudo da Bíblia à luz do Espiritismo com aulas e projeção (em telão) de filmes alusivos aos temas. Duração: 1 ano com uma aula por semana.	sábado	20h00 - 21h00	07/03/2008	Aberto ao público. Não é necessário fazer inscrição. Basta comparecer na data.
Atendimento ao público				
Assistência Espiritual: Passes	2ª Feira	20h00 - 20h40	ininterrupto	Aberto ao Público
Assistência Espiritual: Passes	4ª Feira	14h00 - 14h40	ininterrupto	Aberto ao Público
Assistência Espiritual: Passes	5ª Feira	20h00 - 20h40	ininterrupto	Aberto ao Público
Assistência Espiritual: Passes	Domingo	09h00 - 09h40	ininterrupto	Aberto ao Público
Evangelização da Infância: De 3 a 14 anos	Domingo	10h00 - 11h00	Fev / Nov	Aberto ao Público
Mocidade Espírita: De 15 a 23 anos	Domingo	10h00 - 11h00	ininterrupto	Aberto ao Público
Palestras	Domingo	10h00 - 11h00	ininterrupto	Aberto ao Público